

Parte 2

Capítulo 5 - Filosofia, cultura e formação em Karel Kosik

Pedro Leão da Costa Neto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA NETO, Filosofia, cultura e formação em Karel Kosik. In: SCHLESENER, AH., MASSON, G., and SUBTIL, MJD, orgs. *Marxismo(s) & educação* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, pp. 116-134. ISBN 978-85-7798-211-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PARTE 2

CAPÍTULO 5

FILOSOFIA, CULTURA E FORMAÇÃO EM KAREL KOSIK

Pedro Leão da Costa Neto

O marxismo não é um materialismo mecânico que pretende reduzir a consciência social, a filosofia e a arte a ‘condições econômicas’ e cuja atividade analítica se fundamenta, por isso, no desmascaramento do núcleo terreno das formas espirituais. Ao contrário, a dialética materialista demonstra como o sujeito concretamente histórico cria, a partir do próprio fundamento materialmente econômico, ideias correspondentes e todo um conjunto de formas de consciência. Não reduz a consciência às condições dadas; concentra a atenção no processo ao longo do qual o sujeito concreto produz e reproduz a realidade social; e ele próprio, ao mesmo tempo, é nela produzido e reproduzido.

Karel Kosik, 1976.

INTRODUÇÃO

Após cinquenta anos da publicação da *Dialética do Concreto*, vinte e cinco anos da desmontagem do socialismo na Europa Oriental e doze anos da morte de Karel Kosik, desde 2010, depois um período de relativo esquecimento, o seu pensamento vem, novamente, atraindo um novo e crescente interesse¹.

Uma das características do conjunto da obra de Kosik é a sua tentativa de estabelecer um diálogo orgânico com a tradição filosófica

1. Entre 1989 e 2010, além das edições tchecas de obras de Kosik, reunindo seus ensaios posteriores a 1989, foram publicadas coletâneas de seus escritos em inglês (1995), francês (2003) e servo-croata (2007); entretanto, desde 2010, é cada vez mais sensível um retorno do interesse por sua obra, foram editados e re-editados uma série de traduções de suas obras: uma coletânea de ensaios em espanhol (2012) e em italiano (2013), a re-edição em italiano de *Dialética do Concreto* (2014), como também alguns livros, dissertações e coletâneas dedicadas à sua obra. Por fim, em 2014 foi realizada em Praga uma conferência dedicada a “Karel Kosik and Dialétics of the Concrete” que reuniu um conjunto de pesquisadores de diferentes países. Os *abstracts* da conferência podem ser consultados em: <http://web.flu.cas.cz/kosik/>

e cultural do Ocidente; desde seus escritos dos anos 1960 e se prolongando até seus últimos ensaios na passagem do século XX para o XXI, a referência a diferentes aspectos dessa tradição é uma constante. Ao lado da obra de Marx e da tradição marxista (Lukács, Goldmann, Marcuse, entre outros) é constante um recurso a grande tradição filosófica, desde os gregos antigos, passando pela filosofia do renascimento e a filosofia clássica alemã (em particular Schelling e Hegel) até a fenomenologia contemporânea (em particular Husserl e Heidegger). Uma igual presença são grandes nomes da literatura universal (Goethe, Brecht e Kafka) e da literatura tcheca dos séculos XIX e XX (entre outros, os poetas Karel Hynek Macha, Jan Neruda e o escritor Jaroslav Hašek). A utilização destas amplas e variadas referências não é apenas um recurso de erudição, ela está associada a uma tentativa de problematização crítica dos problemas postos pelas diferentes conjunturas históricas em que viveu. Cabe, entretanto, destacar se, por um lado, nos anos 1960, as referências filosóficas são bem mais presentes, nos seus ensaios a partir dos anos 1990 o recurso a literatura e a tradição ensaística, como forma de tematizar os diferentes problemas da contemporaneidade, é cada vez mais visível e intenso. O objetivo que nos propomos em nosso artigo é justamente, a partir de uma reconstrução de sua trajetória intelectual, identificar alguns aspectos do seu diálogo com a filosofia e a cultura e sua eventual atualidade.

Para isso, em um primeiro momento procuraremos situar o seu pensamento no interior do marxismo no leste tcheco no século XX e depois analisaremos alguns aspectos da sua obra.

O MARXISMO TCHECO NO SÉCULO XX

Para fins analíticos é possível identificar seis diferentes períodos no desenvolvimento do marxismo tcheco ao longo do século XX²:

2. A presente periodização foi elaborada a partir das sugestões de Leszek Kołakowski sobre o desenvolvimento do marxismo na Europa Oriental, em seu livro *Główne Nurty Marksizmu* (Correntes Principais do Marxismo), no qual ele identifica os períodos 1945-1949; 1949-1955; 1955-1968 (KOŁAKOWSKI, 1988, p. 923) para uma reconstrução histórica da situação da filosofia marxista na Tchecoslováquia no século XX, cf. (PAGANINI, 1978; ZANARDO, 1974; ZUMR, 1963a).

i) 1917/1918-1945: da criação do estado tchecoslovaco, a partir do colapso do império Austro-húngaro, até o final da II Guerra Mundial.³ Ao contrário, dos outros países da Europa Oriental, a Tchecoslováquia era a única democracia parlamentar e contava com um partido comunista legal que, então, era um dos maiores partidos comunistas da Europa. A situação filosófica e nas universidades estava caracterizada pela hegemonia de pensadores estranhos ao marxismo. Na vida intelectual, nas décadas de 1920 e 1930, por um lado se fazia sentir a forte presença da figura do presidente da República Tchecoslovaca, o filósofo Thomas Masaryk, influenciado pelo positivismo; por outro lado existiam em Praga duas importantes instituições intelectuais: o *Círculo Linguístico de Praga*, expressão do estruturalismo linguístico e o *Círculo Filosófico de Praga*, da fenomenologia husserliana. O pensamento marxista estava representado, antes de tudo, no mundo cultural. Entre seus principais nomes podemos destacar o representante do surrealismo Karel Teige, o poeta surrealista Vítěšlav Nezval, o escritor, dramaturgo e cineasta Vladislav Vančura (que foi expulso do PCT em 1928), o historiador e musicólogo Zdeněk Nejedlý, o jornalista, crítico literário e de teatro Kurt Konrad - crítico do estruturalismo tcheco - e pelo também jornalista, crítico literário e teórico marxista Eduard Urx, que deixou diversos escritos sobre filosofia e filosofia tcheca. Entre os filósofos marxistas do pré-guerra devem ser nomeados Ludvík Svoboda, estudioso da filosofia antiga e que também escreveu sobre a filosofia na URSS e traduziu em 1933 *Materialismo e Empiriocriticismo* e o eslovaco divulgador do marxismo-leninismo Ladislav Szántó. Os anos da Guerra são marcados por uma intensa repressão aos intelectuais de esquerda e as diferentes organizações de resistência ao nazismo, um número significativo de intelectuais de esquerda e marxistas irão morrer durante este período, entre eles, Konrad, Urx e Vančura serão assassinados pelos nazistas. Membros de uma geração mais jovem, como por exemplo, Karel Kosík e Radovan Richta foram prisioneiros no Campo de Concentração de Terezín, como militantes da organização ilegal comunista *Předvoj*.

3. Este período pode ser dividido em dois subperíodos, o primeiro até os acordos de Munique em 1938 e o segundo a partir da ocupação alemã e desmembramento do estado até o final da guerra em 1945.

A situação do marxismo tcheco neste período é bem sintetizada pelo historiador da filosofia Gianni Paganini: “o marxismo, no período antecedente ao segundo conflito mundial, não apresentava um desenvolvimento filosófico de relevo, já que era ligado diretamente a ação política ou se articulava na estética e na filosofia da cultura”. (PAGANINI, 1978, p. 487)

ii) 1945-1948/1949: do final da II Guerra Mundial até a tomada do poder pelos PCT em fevereiro de 1948, este período se caracterizou pela existência de um pluralismo político e cultural que expressava, em certa medida, o prolongamento da situação entre as guerras. No decorrer dos anos, como resultado do acirramento da guerra fria, este pluralismo se restringiu gradualmente. É importante destacar as figuras de Jan Mukarovsky, representante do *Círculo Linguístico de Praga*, e Jan Patočka, do *Círculo Filosófico de Praga*, entretanto, alguns representantes da intelectualidade, anterior a guerra se aproximaram do marxismo. Neste período retornou, temporariamente, de Moscou o lógico e filósofo das ciências naturais Arnošt Kolmann. Aldo Zanardo em seu escrito sobre a filosofia marxista na Tchecoslováquia (1945 – 1960) faz a seguinte observação sobre estes anos:

Se produz, talvez em um modo ainda mais limitado, um estado de coisas não diferente daquele anterior a guerra, quando a reflexão filosófica marxista não tinha propriamente uma autonomia em relação a reflexão e a prática política e a reflexão historiográfica ou literária, e quando a literatura, a arte e a história e a sociologia da literatura constituíam a parte preponderante da cultura marxista (ZANARDO, 1974, p. 370-371).

iii) 1949-1954: da tomada do poder pelos PCT em fevereiro de 1948 até o início do processo de desestalinização, corresponde ao momento de unificação política, cultural e ideológica das “democracias populares”, no qual a síntese filosófica soviética transforma-se em filosofia oficial. Esta transformação ocorreu, em muitos momentos, com o recurso a métodos administrativos e coercitivos. Ao lado de alguns filósofos tradicionais que se aproximaram do marxismo se formou, gradualmente, uma nova geração de pensadores marxistas que irão desempenhar um papel central nos anos sucessivos. Ao lado do ensino da filosofia marxista e

do desenvolvimento da luta ideológica, de grande importância, foram os diferentes projetos de pesquisa voltados a resgatar as tradições democráticas, revolucionárias em diferentes países, assim como do pensamento filosófico em diferentes países da Europa Oriental, projetos estes iniciados neste período e que se estenderam até o período seguinte⁴.

iv) 1955-1968: do início do processo de desestalinização à Primavera de Praga. Assim como em outros países da Europa Oriental, também na Tchecoslováquia em um ritmo mais lento, se fizeram sentir os efeitos da desestalinização, incentivados, entre outros acontecimentos pelos XX Congresso do PCUS (1956) e pelo XXII Congresso do PCUS (1961). Como consequência da desestalinização surgiram diferentes correntes filosóficas, algumas das quais evoluíram para posições revisionistas. O período será marcado por uma forte polêmica em torno das concepções revisionistas. Entre os principais representantes da nova geração de filósofos na Checoslováquia, que desempenharam um importante papel neste período, podemos citar: Jindřich Zelený, Karel Kosik e Robert Kalivoda, entre outros.

v) 1969-1989: da Intervenção militar “e início do processo de ‘normalização’, a Reconstrução capitalista de 1989, caracterizado pela derrota das diferentes correntes revisionistas e afastamento da vida pública ou o exílio de seus principais representantes. Em escala internacional a repercussão dos acontecimentos de 1968 terão graves consequências como a crescente queda de popularidade, em ritmos diferentes segundo os diferentes países, do marxismo e do movimento comunista. No campo da filosofia, o período é caracterizado pela derrota das diferentes correntes revisionistas, continuam a sua atuação Radovan Richta —que tinha apoiado ativamente a política de Dubček- e J. Zelený. Um fenômeno ideológico e patológico colateral, deste período, foi descrito pelo marxista polonês Stanisław Rainko, como “marxismo cortesão”: “Um produto marginal será a elaboração de um marxismo degenerado, o ‘marxismo cortesão’, que vive dos favores e da mesa dos senhores e cujo lema é o total e completo oportunismo, isto é, a falta de qualquer convicção própria e opção valorativa” (RAINKO, 1989, p. 186).

4. Uma análise dos diferentes trabalhos dedicados a esta temática na Tchecoslováquia, assim como da sua importância teórico e metodológica mais geral, nos é dado pelo artigo de Josef Zumr (1963a).

vi) a partir de 1989: como resultado da desmontagem do “socialismo real”, a vida política e intelectual passou a ser dominada por uma virulenta retórica anticomunista⁵ que como consequência trouxe um forte refluxo do pensamento marxista, tornando-o, por alguns anos, um fenômeno intelectual praticamente marginal.

Uma vez esboçado os principais períodos do marxismo tcheco no século XX, podemos iniciar a nossa análise do pensamento de Karel Kosik.

A FORMAÇÃO INTELECTUAL DE KAREL KOSIK

Karel Kosik nasceu em Praga, em 1926. Em 1943, durante a ocupação nazista, quando ainda frequentava o ginásio, ingressou na organização comunista ilegal *Předvoj*. Preso pela Gestapo em novembro de 1944, permaneceu detido no campo de concentração de Terezín, durante seis meses, até o final da II Guerra Mundial⁶. Após o seu Exame de maturidade, em 1945, ingressou na Universidade Carlos de Praga (1945-1947), aonde foi aluno, entre outros, do célebre fenomenólogo tcheco Jan Patočka. Entre 1947 e 1949 continuou seus estudos universitários nas Universidades de Leningrado e Moscou. Em junho de 1950 concluiu, em Praga, seus exames (*Rigorosum*) em Filosofia e como disciplina secundária Sociologia, defendendo o seu doutorado sob o título *Některé otázky lidové demokracie jako zvláštní formy diktatury proletariátu* (Algumas questões sobre democracia popular como forma particular da ditadura do proletariado).

Como já observamos em nossa periodização, na Tchecoslováquia, como em outros países da região, a existência de uma tradição intelectual e filosófica estranha ao marxismo representou um obstáculo à sua implantação e consolidação na universidade. Segundo Zanardo, este obstáculo inicial era ainda mais agravado pelas características próprias da filosofia dominante na URSS transplantada para os países da Europa

5. O sociólogo polonês Stanisław Kozyr-Kowalski caracterizou a retórica anti-comunista como: “um instrumento de falsificação da realidade contemporânea e histórica, forma de cegueira e auto-cegueira” (KOZYR-KOWALSKI, 2004, p. 343). Para uma análise da referida retórica, consultar Kozyr-Kowalski, 2004, p. 342ss.

6. Kosik em diferentes ensaios e entrevistas tardias reunidas em diferentes coletâneas (KOSIK, 2003; 2013) retorna recorrentemente a estes anos.

Oriental: “esta cultura filosófica o marxismo, largamente dogmatizado, não soube propor-se como o grande pensamento que é, como um grande polo de atração” (ZANARDO, 1974, p. 371). E por fim, como observou o mesmo autor, a “teoria-divulgação” era claramente privilegiada em detrimento da “teoria-investigação” (ZANARDO, 1974, p. 371).

Foi, portanto, nesta conjuntura intelectual que se desenvolveu a ofensiva teórica e política para implantação do marxismo na vida cultural e universitária tchecoslovaca, ofensiva, acompanhada de uma série de medidas de caráter coercitivos e burocráticos, como já observado anteriormente. A situação se transforma gradualmente, tanto do ponto de vista institucional, com a criação, em 1953, do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da Tchecoslováquia (*Filosofický ústav ČSAV*) e do início da publicação, por esta mesma instituição, da revista filosófica *Filosofický časopis*; como do ponto de vista do pessoal, com a adesão de alguns intelectuais e professores tradicionais ao marxismo (Emil Utitz, Ladislav Rieger, Igor Hrušovský, Jiřina Popelová-Otáhalová e Jan Mukařovský, entre outros)⁷ e a formação de uma nova geração de intelectuais e filósofos marxistas (Jindřich Zelený, Karel Kosik, Robert Kalivoda, Radovan Richta, Ladislav Tondl, Ivan Sviták e Josef Zúmr, entre outros) que irão desempenhar um importante papel na vida intelectual e filosófica da Tchecoslováquia.

Assim como outros membros da sua geração, Karel Kosik se envolveu neste processo e se empenhou ativamente nas tarefas políticas e teóricas do período. Neste ambiente de intensa luta ideológica, Kosik escreveu em 1954 um artigo crítico contra Masaryk, do qual se distanciaria posteriormente (LIEHM, 1970, p. 322).

Ao longo da década de 1950 desenvolveu uma série de estudos relacionados à tradição democrática e revolucionária tcheca do século XIX, cujos resultados foram reunidos numa coletânea de escritos sobre os democratas radicais tchecos (*Čeští radikální demokraté. Výbor z politických statí z r. 1848-1870*) e um livro dedicado democracia radical tcheca do

7. Como observou, certa vez, o sociólogo polonês, Paweł Śpiewak (2012, p. 212), a viragem a esquerda foi algo vivo entre os intelectuais naqueles anos: “O sentimento de comunidade, construído nos fundamentos de uma ideologia progressista baseado nos modelos iluministas, ideologia racional e da reconstrução racional da ordem social, era fortemente vivida nos meios intelectuais, em particular na segunda metade dos anos 40.”

século XIX (*Česká radikální demokracie. Příspěvek k dějinám názorových sporů v české společnosti 19. století*), livro este, segundo Josef Zúmr, de destacada importância metodológica, foi primeiro trabalho “a investigar e valorizar a corrente jacobina na história moderna tcheca” (ZÚMR, 1963a, p. 11). De igual importância é o seu escrito metodológico sobre a história da filosofia como filosofia (*Dějiny filosofie jako filosofie*), apresentado no congresso dedicado a história da filosofia tcheca realizado em 1958 na cidade de Liblice, no qual defendeu a especificidade da história da filosofia como disciplina teórica. Estes últimos escritos de Kosík, entretanto, já anunciavam um novo momento teórico em sua obra.

Após a morte de Stalin, em 1953, e do sucessivo processo de destalinização posterior à leitura do Relatório de Kruschév, em 1956, Kosík passou a criticar, em uma série de artigos, a síntese filosófica então dominante na União Soviética e nos países da Europa Oriental. Já estavam presentes neste momento alguns temas que iriam marcar a sucessiva reflexão de Kosík, um acentuado interesse pela obra de Hegel e do jovem Marx, pelo pensamento de Heidegger e do marxismo francês. Esta mudança no seu pensamento é indissociável da intensa polêmica filosófica desenvolvida então em diferentes países da Europa Oriental, na qual se enfrentavam: “dogmáticos”, “anti-revisionistas” e “revisionistas” de diferentes matizes, que se aproximavam de uma concepção antropológica da filosofia ou de uma filosofia da natureza⁸, na Tchecoslováquia essas correntes eram nomeadas correspondentemente “Revisionismo neohegeliano” e “Revisionismo positivista”.

No campo cultural, desde meados dos anos 1950 irão ocorrer transformações graduais e que se intensificarão a partir dos anos 1960. Particularmente emblemáticos destas mudanças podemos enumerar, entre outros, dois acontecimentos ocorridos em 1963 o III Congresso da União de Escritores Tchecoslovacos e o famoso Congresso dedicado a Franz Kafka realizado em Liblice⁹.

8. Infelizmente uma análise deste importante capítulo da história do marxismo na Europa Oriental não seria possível nos limites deste nosso artigo, para seu aprofundamento remetemos aqui a alguns autores que se ocuparam de diferentes aspectos destes debates: Márkus, 1974, p. 113-129; Krajewski, 1966, p. XIV-XIX; Schaff, 1965, p. 11ss.

9. Kosík apresentou neste congresso um trabalho dedicado a “Kafka e Hašek: Hašek contro il ‘grande meccanismo’” (KOSÍK, 2013, p. 81-92). Anos depois, lembrando deste congresso, em

Entretanto, um dos pontos culminantes destes debates, foi a publicação em 1963 do principal livro de Karel Kosik, *Dialética do Concreto*, a obra que exerceu uma grande influência nos debates culturais tchecoslovacos do período e o tornou mundialmente reconhecido. Jan Patočka, apesar de ressalvas sobre o livro, afirmou: “A filosofia de Kosik [...] é a filosofia tcheca da época atual” (PATOČKA, 1976, p. 146).

Antes de passarmos à análise do livro de Kosik é importante destacar algumas obras, igualmente, representativas do marxismo tcheco dos anos 1960 e as concepções nelas representadas¹⁰; ao lado de Kosik seria importante, ainda lembrar, os já citados Kalivoda e Zelený, que elaboraram então projetos teóricos distintos.

Enquanto a obra de Kosik guardava uma estreita relação com toda uma tradição filosófica e cultural, em particular com Hegel e a filosofia clássica alemã, com a fenomenologia contemporânea e com Lukács e o marxismo francês e em literatura com Goethe, Kafka e Hašek, entre outros. Kalivoda¹¹, ao contrário, se filiava a uma tradição crítica à Hegel e ao hegelianismo que recuava a Herbart e ao herbatismo (muito influente durante o século XIX nos países tchecos) com a tradição estruturalista do Círculo Linguístico de Praga e, em particular, Jan Mukařovský; atribuía, igualmente, uma grande importância a longa tradição, do que chama libertinismo (ideal humanístico de liberdade de tipo jacobino) e ao romantismo revolucionário; nas artes privilegiava Karel Teige e a tradição surrealista. Por fim, procurava, igualmente, estabelecer um diálogo (“integração”) do marxismo com a Psicanálise. Se por um lado Kosik e Kalivoda valorizavam diferentes versões do humanismo marxista, entre eles havia uma clara distinção no tocante a relação Marx – Hegel, sobre

sua entrevista com Antonio Cassuti, “L’uomo, misura di ogni cosa”, observa: “nos anos 1960 (conferência de Liblice) a obra de Kafka era uma ocasião e um pretexto para a crítica e a análise do presente” (KOSIK, 2003, p. 143).

10. Para uma análise da filosofia tcheca nos anos 1960, desde uma análise distinta ao do autor do presente artigo, consultar: Zdeněk Kouřim (1974, p. 52-78): “Sobre el Marxismo Checo”.

11. O livro de Robert Kalivoda *La realtà spiritual moderna e il marxismo* (1971) está dividido em três partes: a primeira dedicada ao estruturalismo, a segunda a Marx e Freud (procurando nestes dois artigos estabelecer uma síntese, integração entre estas duas correntes de pensamento e o marxismo), o terceiro está dedicado ao libertinismo e a tradição romântico revolucionária que se constituiria como uma corrente precursora direta da tradição marxista. Para uma extensa análise da obra de Kalivoda veja o artigo anteriormente citado de Kouřim (1974, p. 63-78).

a concepção de arte, assim como, sobre o estruturalismo.¹² Zelený, por sua vez, privilegiava a análise da estrutura lógica de *O Capital*, atribuindo uma importância ao desenvolvimento da lógica matemática e da teoria das ciências. Em sua relação com a filosofia clássica atribuía uma importância, em particular, a obra de Kant. No tocante as relações com o marxismo destacava a grande importância aos estudos dedicados aos aspectos teóricos da obra magna de Marx, desenvolvidos URSS na esteira das indicações apontadas por Lenin em seu *Cadernos Filosóficos*¹³. Entretanto, se por um lado estas obras se inserem no interior dos debates travados, tanto na Europa Oriental e Ocidental (polêmica sobre a relação com a tradição e em particular a relação Marx e Hegel, sobre o Jovem Marx e o Marx da Maturidade e sobre o Humanismo marxista, sobre a integração do marxismo com outras correntes teóricas, entre outras), por outro lado estes debates adquiriram um contorno específico na Tchecoslováquia, resultante das tendências teórico-filosóficas existentes nos séculos XIX-XX.

Uma vez analisada a atmosfera intelectual na qual estava inserida o principal livro de Kosik, podemos passar a sua análise propriamente dita.

A FILOSOFIA DE KOSIK EM *DIALÉTICA DO CONCRETO*

A *Dialética do Concreto: Estudo sobre a problemática do homem e do mundo* está estruturada em quatro capítulos, no primeiro capítulo “Dialética da Totalidade Concreta” (KOSIK, 1976, p. 7-54) apresenta os aspectos teóricos e conceituais do seu programa de compreensão e destruição do mundo da pseudoconcreticidade e analisa, em particular, os conceitos de totalidade e práxis, no segundo capítulo “Economia e Filosofia” (KOSIK, 1976, p. 55-136) desenvolve um conjunto de críticas aos conceitos de *Sorge*, *homo oeconomicus* e fator econômico, como

12. Kosik retorna em sua principal obra à crítica endereçada ao formalismo, nos anos 1930, por Kurt Konrad que caracterizou o estruturalismo como uma falsa e má totalidade (KOSIK, 1976, p. 52).

13. Zelený atribuía uma importância central a estes estudos no interior da conjuntura teórica sucessiva a morte de Stalin: “Recolocar a questão da lógica de *O Capital* [...] permite, na minha opinião, elaborar também alguns critérios uteis para a discussão com as tendências do pensamento marxista presente, que na sua crítica do dogmatismo se manteve na cisão entre a intenção antropológica e cientificista” (ZELENÝ, 1974, p. 12).

exemplos de típicas concepções reificadas do mundo da pseudoconcreticidade, no terceiro capítulo “Filosofia e Economia” (KOSIK, 1976, p. 137-191) Kosik procura retornar aos fundamentos teóricos do projeto marxista, a partir de uma leitura de *O Capital*, por fim, o quarto e último capítulo “Práxis e Totalidade” (KOSIK, 1976, p. 193-229) está dedicado a uma tentativa de sistematização dos conceitos de totalidade, práxis e trabalho para compreensão da situação do homem no mundo. Em sua “Advertência do Autor”, Kosik sublinha que o livro deve ser compreendido como um “todo orgânico” no qual os diferentes problemas estão articulados entre si e, portanto, não apenas como uma coletânea de distintos ensaios¹⁴ (KOSIK, 1976, p. 5).

Karel Kosik inicia a sua obra *Dialética do Concreto* afirmando: “A dialética trata da ‘coisa mesma’. Mas a ‘coisa mesma’ não se manifesta imediatamente ao homem. Para chegar à sua compreensão é necessário fazer não só um certo esforço, mas também um desvio” (KOSIK, 1976, p. 9)¹⁵. A partir da distinção inicial entre representação e conceito da coisa, nosso autor introduz uma série de distinções correspondentes, entre forma fenomênica da realidade e coisa mesma, entre o mundo da pseudoconcreticidade e a totalidade concreta, entre a falsa consciência e a compreensão real da coisa - duas formas de conhecimento da realidade; desta mesma forma, o conceito de práxis é pensado sob um duplo aspecto: o da “práxis fetichizada dos homens” e da “práxis crítica revolucionária da humanidade” (KOSIK, 1976, p. 11). Para Kosik, a descoberta da coisa

14. Podemos, entretanto, identificar duas concepções diametralmente opostas sobre a sistematicidade do livro de Kosik; a primeira defendida por Josef Zumr e Lubomir Sochor que o concebem como um todo organizado: Zumr refere-se “a totalidade da composição do livro, cujas partes particulares demonstram-se reciprocamente” (ZUMR, 1963b, p. 200). Sochor por sua vez afirma: “Não é difícil constatar que formalmente a estrutura da obra se baseia sobre a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel e sobre *O Capital* de Marx” (SOCHOR, 1964, p. 189). Uma posição contrária é defendida por Patočka que afirma: “O livro de Kosik não é uma obra sistemática, senão uma série de quatro estudos que pretendem mostrar como os conceitos de práxis e totalidade concreta [...] constituem o verdadeiro fundamento filosófico para a resolução dos problemas da existência, da cultura e da história” (PATOČKA, 1976, p. 137). O próprio Kosik em outro ensaio (*A Dialética da Moral e a Moral da Dialética*) nos dá uma indicação que pode ser útil, ao referir-se a um outro conjunto de questões observa: “[...] a resposta a esta pergunta exige numerosos elementos mediadores cuja existência e conexão só aparecerão depois de ulterior exposição” (KOSIK, 2013, p. 69).

15. Para manter-se fiel ao original e evitar confusões teóricas desnecessárias, optamos por traduzir “*věc sama*” (*die Sache selbst*) por “coisa mesma” e não como “coisa em si” utilizado na tradução brasileira.

mesma é justamente o problema central de toda tradição do pensamento filosófico (KOSIK, 1976, p. 13).

É no interior deste campo conceitual que o nosso autor elabora a sua proposta de crítica e destruição da pseudoconcreticidade, definida por ele como: “o complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural” (KOSIK, 1976, p. 11).

Particularmente relevante são as repetidas advertências críticas desenvolvidas pelo filósofo tcheco contra toda tentativa de reduzir os conceitos de totalidade e práxis apenas ao seu aspecto metodológico que esquece a unidade indissociável entre ontologia e epistemologia, assim como aos eventuais perigos da banalização que o uso corrente e acrítico destes conceitos podem acarretar (KOSIK, 1976, p. 34, 197ss).

Em seu segundo capítulo Kosik desenvolve um conjunto de críticas a diferentes concepções reificadas da Filosofia e das Ciências Humanas que se expressam por exemplo nos conceitos de Cura (*Sorge*), *homo oeconomicus* e fator econômico, e coerente com o método materialista associa estas distintas teorias reificadas do mundo da pseudoconcreticidade às formas sociais de objetivação assumidas sucessivamente pelo modo de produção capitalista (KOSIK, 1976, p. 169).

No terceiro capítulo, em estreita conexão com os debates teóricos, então desenvolvidos no interior do marxismo, Kosik procura problematizar diferentes aspectos do projeto teórico marxista a partir de uma leitura de *O Capital*, da relação desta obra e o pensamento do Jovem Marx e a questão da realização e liquidação da filosofia. Em seu subcapítulo “Estrutura de *O Capital*” (KOSIK, 1969, p. 159-168), Kosik articula, justamente, filosofia, cultura e formação.

Primeiramente, referindo-se ao motivo da odisséia presente em *O Capital* e na *Fenomenologia do Espírito*, afirma:

O sujeito (o indivíduo, a consciência individual, o espírito, a coletividade) deve *andar em peregrinação* pelo mundo e conhecer o mundo para conhecer a si mesmo. O conhecimento do sujeito só é possível na base da atividade do próprio sujeito sobre o mundo; o sujeito só conhece o mundo na proporção em que nele

intervém ativamente e só conhece a si mesmo mediante uma ativa transformação do mundo (KOSIK, 1976, p. 165).

E na sequência enumera as diferentes manifestações deste motivo na cultura do século XVIII e XIX:

A “história de um coração humano” de Rousseau (“Emílio ou Da Educação”), o *Bildungsroman* alemão na clássica versão do “Wilhelm Meister” de Goethe ou na versão romântica do “Heinrich von Ofterdingen” de Novalis, a “Fenomenologia do Espírito” de Hegel e “O Capital” de Marx são exemplos do motivo da “odisseia” nos vários campos da criação cultural (KOSIK, 1976, p. 166).

E por fim, analogamente a toda uma tradição marxista que recua a Lukács, afirma: “O *conhecimento* ou a *tomada de consciência* da natureza do próprio sistema, como sistema de exploração, é condição necessária para que a odisséia da forma histórica da *práxis* chegue a termo na *práxis revolucionária*” (KOSIK, 1976, p. 168).

Em seu quarto e último capítulo, Kosik retorna aos conceitos de totalidade e práxis e os analisa ao lado de outros conceitos, como de História e trabalho para compreender o lugar do homem no universo.

Neste último capítulo, Kosik retorna ao problema da formação, mas agora analisando-o a partir da grande experiência do pensamento do renascimento:

Assim que o renascimento descobriu que o homem é criador de si mesmo e que pode ser aquilo que ele mesmo se faz, anjo ou besta, leão humano e urso humano, ou *qualquer outra coisa*, tornou-se logo evidente que a história humana constitui o desdobramento destas “possibilidades” no tempo. O sentido da história está na própria história: na história o homem se explicita a si mesmo, e este explicitamento histórico – que equivale à criação do homem e da humanidade – é o único sentido da história (KOSIK, 1976, p. 168).

Uma vez exposto em linhas gerais, a concepção filosófica de Karel Kosik em sua principal obra e as relações entre filosofia, cultura

e formação nela esboçadas, podemos passar agora para uma breve referência a sua obra sucessiva marcada por duas cesuras, a da primavera de Praga e da restauração capitalista na Tchecoslováquia.

KOSIK DEPOIS DE *A DIALÉTICA DO CONCRETO*

Entre 1963 e 1968, no interior de uma conjuntura, como vimos, marcada por crescentes conflitos políticos, culturais e teóricos, Kosik elaborou uma série de ensaios nos quais analisou uma série de problemas associados à questão da cultura, ao conceito de práxis, ao problema da história e à questão do homem¹⁶.

Os desdobramentos daqueles conflitos alcançaram o seu coroamento em 1968, com a Primavera de Praga, na qual Kosik tomou parte ativa, chegando a ser eleito membro do Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia no seu XIV Congresso Extraordinário, realizado clandestinamente logo após a intervenção militar do Pacto de Varsóvia. A experiência da Primavera de Praga foi objeto de análise, por parte de Kosik, em um conjunto de artigos publicados no semanário da União dos Escritores da Tchecoslováquia, *Literarni Listy* e reunidos posteriormente sob a forma de livro com o título *A Nossa Crise Atual* (KOSIK, 1969). Nestes escritos já podem ser identificados um relativo distanciamento em relação a algumas concepções e conceitos anteriores, como por exemplo o conceito de práxis (ARNASON, 1989, p. 215). É igualmente patente o recurso a uma linguagem especulativa e uma significativa presença de autores como Husserl (*A Crise das Ciências Europeias*) e Heidegger (*A Questão da Técnica*)¹⁷. Estas características iriam caracterizar ainda mais os artigos posteriores do

16. Como é do conhecimento de todos, as questões teóricas associadas a chamada “filosofia do Homem” e do chamado “humanismo marxista” ocuparam um lugar de grande destaque, tanto na Europa Oriental como na Europa Ocidental, nos debates marxistas na década de 1960. Para uma inserção de Kosik nestes debates, cf. o artigo de Johann P. Arnason sobre o marxismo na Europa Oriental (ARNASON, 1989, 213-214).

17. Zelený, no início dos anos 1970, referindo-se a concepção de Husserl sobre a crise da ciência e do seu impacto na Tchecoslováquia, nos anos 1960, afirma: “A fenomenologia de Husserl foi, fundamentalmente em sua reelaboração e transformação existencialista por Heidegger, uma das principais fontes do revisionismo filosófico, cuja influência na Tchecoslováquia alcançou seu ponto culminante em meados dos anos 60” (ZELENÝ, 1982, p. 119).

filósofo praguense, em particular a concepção do domínio da tecno-ciência, entendido como a fusão da ciência moderna e da técnica¹⁸.

Após a intervenção das tropas do “Pacto de Varsóvia” que põem fim a experiência da Primavera de Praga, Kosik foi expulso do PCT e afastado do ensino universitário. Entre 1969 e 1989 não participou de atividades públicas e não publicou nenhum escrito, com exceção da sua carta endereçada a Jean Paul Sartre, publicada no jornal *Le Monde* em 1975, na qual denunciava o confisco de seus manuscritos filosóficos “*Sobre a Verdade*” e “*Sobre a Prática*”, que seriam posteriormente devolvidos ao autor. Durante esses anos Kosik se dedicou exclusivamente à reflexão filosófica e à redação destes manuscritos, que permaneceram inéditos¹⁹.

Após as transformações ocorridas em 1989, que levaram a restauração capitalista e a divisão da Tchecoslováquia em 1992, Kosik se dedicou, até a sua morte em 2003, a uma rica atividade ensaística (com recorrentes referências a literatura) que será reunida em diferentes coletâneas, na qual não cessa de interrogar criticamente o “mundo na época da globalização” e suas diversas formas fenomênicas que se expressam em diferentes imagens e personagens. Nesses ensaios caracteriza a contemporaneidade como expressão do “Supercapital”, do poder resultante da “simbiose entre ciência, técnica e economia” (KOSIK, 2003, p. 220-221)²⁰.

Entre estas imagens, personagens, formas fenomênicas representativas do “mundo na época da globalização”, extraídas da filosofia e da literatura, podemos citar: a imagem da caverna de Aristóteles na qual o estagirita se refere com temor a imagem dos homens vivendo sob a terra como toupeiras, em habitações com todo conforto (KOSIK, 2003, p. 186), a personagem de Grete Samsa de *A Metamorfose* de Kafka - a Anti-Antígona dos tempos contemporâneos (KOSIK, 2003, p. 189-199) e a

18. É digno, igualmente, de menção a crítica que Kosik endereça a outro importante livro do período, o livro de Radovan Richta *A Civilização na Encruzilhada*, que, segundo Kosik, tentavam resolver os problemas da construção do socialismo no interior de uma “metafísica do desenvolvimento das forças produtivas” (KOSIK, 1969, p. 79).

19. Para maiores informações sobre este trabalho e as razões para a sua dedicação exclusiva a filosofia: cf. (KOSIK, 1993, p. 58s).

20. O conceito de Supercapital, central na reflexão do último Kosik, seria justamente “este complexo financeiro, industrial, científico e técnico; e esta simbiose moderna de finanças, ciência, técnica e economia” de consequências devastadoras (KOSIK, 1993, p. 57-58).

imagem do *Schauspieler* (*showman*), retirada de Nietzsche e considerado por Kosik “o personagem principal da época moderna” (KOSIK, 2003, p. 155-158; 228-230).

Outras consequências ideológicas desta moderna dominação planetária do “Supercapital seriam a perda de sentido e a ausência de valores que se expressam na incapacidade de distinguir o bem e o mal, a verdade da não verdade.

Nas últimas linhas de seu último artigo “Mafiosidade”, recorrendo novamente a clássicos da filosofia e da literatura, desta vez a dois escritores da Inglaterra do século XVII-XVIII, Bernard Mandeville e John Gray, traça um paralelo entre o capitalismo inglês nascente e a restauração capitalista na República Tcheca, afirma sem nenhuma ilusão:

A experiência de um decênio de “transformações econômicas” demonstra que a restauração do capitalismo não resolveu nem mesmo um dos problemas substanciais de hoje, os a simplesmente ofuscado ou adiado e assim, indiretamente, convidou o pensamento crítico a não hesitar e se por a trabalhar (KOSIK, 2000, p. 12).

CONCLUSÃO

O nosso objetivo, ao reconstruir a trajetória intelectual de Kosik, não foi o de fazer uma apresentação exaustiva da sua obra, mas antes o de procurar inseri-lo no interior dos importantes debates, injustamente esquecidos, do marxismo checo – que foi um importante momento nas discussões políticas e teóricas da tradição marxista do século XX. Neste sentido, podemos reproduzir as palavras de Alessandro Mazzone, que, se referindo a uma outra situação, observou sobre a elevada tradição marxista do século XX: “Aquele “marxismo” que foi, e não é mais, foi em todos os sentidos uma cultura, um universo de sentido, um lugar coletivo de circulação de ideias desde baixo e desde o alto” (MAZZONE, 2006, p. 11) de uma tradição que, sem este trabalho de recuperação das diferentes componentes deste rico universo do marxismo do século XX ficará ainda mais difícil ir além do que chamava Kosik de o “paradigma histórico dominante”.

REFERÊNCIAS

ARNASON, Johann P. Perspectivas e problemas do marxismo crítico no Leste europeu. In: HOBBSAWM, Eric J. **História do Marxismo** v. XI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

KALIVODA, Robert. **La realtà spiritual moderna e il marxismo**. Torino: Einaudi, 1971.

KOŁAKOWSKI, Leszek. **Główne Nurty Marksizmu**, v. III: Rozkład, Warszawa: Krag – Pokolenie, 1988.

KOSIK, Karel. **La Nostra Crise Attuale**. Roma: Riuniti, 1969.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 1. Reedição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KOSIK, Karel. Filosofia y política: diálogo con Fernando de Valenzuela. In. **Claves de razón práctica**, n. 34, 1993.

KOSIK, Karel. O Século de Grete Samsa. **Matraga, Revista do Instituto de Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, n. 9, 1995.

KOSIK, Karel. **La Crise des Temps Modernes: Dialectique de la Morale**. Paris: Les Éditions de la Passion, 2003.

KOSIK, Karel. Mafiosità: Capitali, Api e Mendicanti. In: KOSIK, Karel. **Un filosofo in tempi di farsa e di tragedia Saggi di pensiero critico 1964-2000**. Milano: Mimesis, 2013.

KOUŘÍM, Zdeněk. **La Dialectica en Cuestion**. Buenos Aires: Paidós, 1974.

KOZYR-KOWALSKI, Stanisław. **Socjologia, Społeczeństwo obywatelskie i Państwo**. Poznań: Wydawnictwo Naukowe UAM, 2004.

KRAJEWSKI, Wladyslaw. Introduction: Polish Philosophy of Sciences. In: KRAJEWSKI, Wladyslaw (Org.). **Polish essays in the philosophy of the Natural Sciences**. Dordrecht: D. Reidel, 1966.

LIEHM, Antonin. Entretien avec Karel Kosik, em LIEHM, Antonin. **Trois generations Entretiens sur le phénomène culturel tchécoslovaque**, Paris: Gallimard, 1970.

MÁRKUS, György. **Teoria do Conhecimento no Jovem Marx**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MAZZONE, Alessandro. Prefazione. In: SIMONI, Nicola. **Tra Marx e Lenin La discussione sul concetto di formazione econômico-sociale**. Napoli: La Città del Sole, 2006.

PAGANINI, Gianni. La filosofia negli altri paesi europei In: DAL PRA, Mario. **Storia della filosofia**, v. X. La filosofia contemporanea: il Novecento. Milano: Vallardi, 1978.

PATOČKA, Jan. **Los intelectuales ante la nueva sociedad**. Madri: Akal, 1976.

RAINKO, Stanislaw. Kilka tez o sytuacji marksizmu. (Algumas teses sobre a situação do marxismo). In: RAINKO, Stanislaw. **Swiadomosc i Krytyka**. (Consciência e Crítica). Varsóvia: Czytelnik. 1989.

SCHAFF, Adam. **Filozofia Człowieka**, Varsóvia: K i W, 1965.

SOCHOR, Lubomir. Uno studio marxista sui problemi dell'uomo e del mondo. **Critica marxista**. Roma, anno II, n. 1. 1964.

ŚPIEWAK, Paweł. Żydokomuna **Interpretacje historyczne**. Varsóvia: Czerwone i czarne, 2012.

ZANARDO, Aldo. **Filosofia e Socialismo**. Roma: Riuniti, 1974.

ZELENÝ, Jindřich. **La Estructura Lógica de 'El Capital' de Marx**. Barcelona: Grijalbo, 1974.

ZELENÝ, Jindřich. "La concepción marxista y fenomenológica de la llamada crisis de la ciencia". In: ZELENÝ, Jindřich. **Dialéctica y Conocimiento**. Madri: Cátedra, 1982.

ZUMR, Josef. O Filozofii czeskiej. **Argumenty**. Ano VII. Varsóvia, 9.06.1963a.

ZUMR, Josef. Świat i Człowiek. **Zeszyty Argumentów**. Varsóvia, 5/10-6/11. 1963b.